

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 3 do 5.º Ano—N.º 203

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 15 de Outubro de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaraneuse

## A hora grande vai chegar!....

Pátria minha gostosa, quem não ha-de,  
Em risonho sabor, vida e fortuna  
Dar por teu livramento e magestade!

Guerra Junqueiro.

Estamos nas vésperas. As tropas portuguezas vão enfileirar na grande batalha, sendo-lhes dada a sorte feliz de se baterem pela civilização.

Deu-se o que estava previsto. A Inglaterra pede o nosso auxilio, reclama a nossa cooperação na guerra. Desde todo o começo que a sombra dos tratados, ela prometeu defender-nos. Agora, igualmente a sombra dos tratados, a Inglaterra convida-nos a combater ao seu lado, cedendo nos um pedaço do território, onde se projecta a sombra da sua bandeira, para defendermos a liberdade.

A promessa da Inglaterra foi cumprida, porque ainda, nem um só momento, deixaram de rondar pelas nossas costas os seus formidáveis couraçados. Nós, que declaramos, no dia 7 de Agosto, na histórica sessão do congresso, avivando velhos factos, seguir a sorte da Grã-Bretanha, solidarizando-nos com ela, vamos agora, lealmente, satisfazer o nosso compromisso. A fé dos contractos está assegurada de parte a parte. Há uma lisura mútua garantindo as condições dos tratados.

Bastava esta circunstância, para não serem lícitas reflexões, nem legítimas quaisquer dúvidas que se levantassem sobre a nossa atitude.

Está tudo em dia e regular. Vamos queimar pólvora pela Inglaterra, que pólvora está já queimando por nós.

O nosso coração sente-se desopresso, porque está dentro das regras lais do cumprimento de um compromisso jurídico e moral. Qualquer voz que se levantasse rompendo a concordância geral, era a voz de um criminoso ou de um louco, que viria atraiçoar, ou inconscientemente maisinar os destinos da nacionalidade.

Mas, além de desopresso, o coração lusitano deve, nesta hora, pulsar com intrepidez e alegria. Se indo para a guerra, vamos cumprir um dever de lialdade para com a Grã-Bretanha, vamos também cumprir um dever de solidariedade para com a causa da civilização. Vamos bater-nos por um grande país, a Inglaterra, e por um grande principio, a liberdade. Ainda bem.

O que está em jogo na Europa? A própria causa da humanidade. Se a Alemanha vencesse, as pátrias pequenas seriam esmagadas e as ideias de justiça, que nalguns pontos se erguem já bem altas, seriam abatidas. A Alemanha é um povo culto na intelligência, mas é um povo bárbaro no sentimento. Terra de homens de investigação tenaz, de raciocínio limpo, de filosofia audaciosa, com grande força de análise e no-

tavel poder de generalização, a Alemanha, feita um pouco artificialmente nas correrias vorazes da ambição, após a guerra de 1870, deu num verdadeiro abórto moral. E' positivamente uma manifestação teratológica, um monstro. Hipertrofiou-se-lhe e deformou-se-lhe a intelligência, atrofiou-se-lhe e perverteu-se-lhe o sentimento. Resultado: um produto abstruso, quasi, hediondo, roçando pela ignominia e pela cobardia.

Muita gente admira os seus preparativos para a guerra. Acha que estava admiravelmente montada a sua máquina de matar. Entende que o seu exército é um admirável instrumento de destruição e ruína. Certamente. Mas isso que parece ser a sua superioridade, é a sua inferioridade. Uma intelligência normal não consegue aquilo só por si. Semelhante engrenagem de opressão e morticínio só se alcança, tendo, além da intelligência, a maldade. A intelligência sem ser estimulada pelo ódio ficaria muito áquem. A intelligência, se fôsse acobertada por um sentimento morigerado e humano, deixaria a hedionda empresa a menos de meio.

E' por isso que a Alemanha está fazendo uma guerra selvagem, infame e covarde. E' por isso que nos campos que ela tala, nas cidades que incendia, nos edificios que derrue e nos objectos de arte que rouba e estrinçalha, em tudo se imprime o cunho da sua garra, daquela garra que corta mãos a crianças, arrebatando mulheres para as violar, derruba inválidos, sevicando-os, espeta na ponta das baionetas crianças de mama e calca, com os pés dos cavalos, octogenários indefesos, fugitivos pelos êrmos.

Daí vem que os alemães, povo culto, representam a tirania, a opressão, o crime e a infâmia. Pelo contrario, a Rússia autocrática e ignorante, arcaboçada em grande parte em analfabetos e quasi-selvagens, desta vez representa a liberdade, a justiça e o direito. Há assim incoerências na vida dos povos.

Portugal vai pois, na successão lógica dos acontecimentos, bater-se ao lado da Inglaterra que representa nesta guerra a hegemonia dos povos que se estão sacrificando pela independência das pátrias, pelo direito natural das gentes.

Fizemos o 5 de Outubro, proclamando ideias novas e abrindo rasgados horizontes, para mais alguma coisa que não seja a mudança superficial do simbolismo e do ritual da nação. Pois os principios que nós proclamamos morreriam de verdadeira asfixia internacional. Se a Alemanha triunfasse, e a Pátria portugueza, mesmo

na sua expressão concreta, desapareceria, varrida da superficie da terra pelo sabre germânico, se o sabre germânico podesse um dia lampear triunfante por toda a Europa.

Temos um interesse orgânico, intrínseco, fundamental em que vençamos os aliados.

E' a maneira de nós vivermos em paz, independentes e ativos, na nossa situação de povo modesto, que tem direito a ser próspero e feliz.

Pois se temos todo esse interesse, vamos para a guerra, porque, indo batalhar pelos aliados, vamos defender a nossa própria causa, isto é, a nossa própria pátria.

Se não fôsse preciso dar esse passo eu era de opinião,—tenho-o dito bem alto,—que elle se não desse. Mas, visto que é preciso fazer o sacrificio, faça-se, porque elle ha-de ser compensado pelo proveito material e pelo respeito moral que advirá do nosso rasgo e da nossa abnegação.

Somos de facto alguem. Nesta pugna tremenda em que as nações se degladiam, valemos alguma coisa, porque a nossa colaboração é reclamada. Não somos para ai, como se supunha, um trapo desprezível, rodilho abandonado, que nem para utensilio de limpeza servisse. Somos um povo que a grande e invencível Inglaterra, nas suas notas, trata como um aliado digno de consideração, que se estima e se respeita e cujo auxilio na guerra se reconhece dar prestigio ao exército dos aliados. Isto é assim e isto vale muito. Mas esta situação não se aguenta com palmas e com vivas; sustenta-se com tiros, visto que chegou a occasião de elles serem precisos. O momento dos tropos passou. Uma oratória mais forte se levanta, inflamando e estalando,—a que, saídas espingardas e é articulada pela polvora.

Haverá dores, haverá lágrimas? Lá diz o poeta que é a *Dor que liberta a criatura*. As mães portuguezas teem um coração amantíssimo, mas dêle não jorra amor mais puro e perfeito do que do coração das mães inglesas, francezas ou belgas, sobretudo destas últimas, que, vendo o lar desfeito, os cadáveres cobrindo o solo, os campos talados, nem sequer lhes é permitido fugir com as crianças nos braços pelos campos desertos, porque invasores lhas espetam nas baionetas sem piedade, ou as obrigam a morrer de fome como aves caídas do ninho.

Pois todas essas mães carinhosas e ternas incitam os filhos, já homens, e os maridos, que ainda são válidos, a que se atrem á fornalha medonha a vêr se a Belgica se salva, a vêr se a pátria não morre.

Mães portuguezas! Reparai na missão que vai caber aos vossos filhos. Atentai nos altos destinos para que o vosso ventre foi fadado quando a natureza lhe deu a incumbência de gerar estes novos soldados da liberdade. Eles vão bater-se na terra estranha, mas de facto elles vão bater-se pela própria terra. Eles vão ser, a distância, os guardiões da pátria. Eles vão ser os defensores antecipados do solo natal. Se elles não fôsem,

## O perdão das árvores

Eis-nos mortas, de rastos pelo chão!  
E fomos belas, e frondosas,  
E demos doces frutas saborosas  
Que mataram a sede e foram pão.

Em nós, cheias de enlêvo e mansidão  
Fizeram ninho as aves amorosas  
Pelas sestas de julho a arder, piedosas,  
Fomos a sombra e a voz da solidão.

Fomos o berço do homem e o seu lume;  
Demos-lhe bençãos, cantos e perfume;  
Caixão, em nós, descansa, até final.

Damos a vida a quem nos tira a vida:  
Mas só nos dôi a ingratição sofrida  
De um mal inútil,—feito só por mal!

António Corrêa de Oliveira.

nós não podíamos aguentar a situação internacional que actualmente sustentamos e ficaríamos para aqui abandonados e indefesos, sujeitos á fúria dos invasores. Para os vossos filhos ainda crianças continuarem a dormir socegados no berço, é indispensavel que os vossos filhos já homens vão para o campo da batalha, onde entre faixas dolorosas se estão criando um novo Direito e uma nova Justiça.

O que se passa hoje é de todos os tempos, mães lusitanas. Antigamente os portuguezes iam em galeras, que as estrelas guiavam, buscar o ouro e o ébano, pérolas de Malaca e de Ceilão, ou simplesmente ás espadeiradas, em Arzila e em Tanger, conquistadores ou fronteireros, afirmar poderios, manter privilégios.

Hoje os portuguezes, ainda de espada e de lança, já não vão em naus, com velas cortadas pela cruz e pela esfera, á busca de riquezas, de sonhos grandes e delirantes, que foram epopeias famosas e quiméricas. Ah! Mas eles vão buscar uma riqueza maior, mais desluubrante e mais augusta; vão buscar a garantia dos destinos da nossa raza, vão buscar um quinhão, que chegue para nós, da liberdade dos povos, um pedaço, que nos seja bastante, da autonomia das pátrias.

Mães portuguezas! Beijai os vossos filhos; incuti-lhes ânimo, fé e coragem, e incitai-os a que vão batalhar por esta nossa pátria,—

a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram  
ainda!

Da República.

ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA.

## A CONSTITUIÇÃO E A ALIANÇA

O artigo 72.º da Constituição Política da República Portuguesa diz textualmente:

«A República Portuguesa, sem prejuizo do pactuado nos seus tratados de aliança, preconisa o principio da arbitragem como o

melhor meio de dirimir as questões internacionais.»

Seria necessário frisar a importância deste artigo para a questão actual, se não houvesse, como há sempre, quem tenha olhos e não veja, ou pretenda fazer acreditar que não vê.

A Constituição é a lei básica da República. O que nela se encontra estabelecido está assente. Nem o próprio parlamento, antes de uma determinada época, tem o direito de alterar qualquer das suas prescrições.

Como lei fundamental dum regimen democrático, a Constituição preconiza o principio da arbitragem, que a doutrina da democracia estabelece. Mas acima de tudo coloca os compromissos da nação. Sem prejuizo do pactuado nos seus tratados de aliança, diz o artigo, e ninguém ignora que a nossa aliança com a Inglaterra gira inteiramente sobre a hipótese da guerra.

Por isso, não se podia esperar nem se pode esperar do parlamento da República, em qualquer conjuntura, procedimento diverso do que teve no dia 7 de Agosto. A aliança está de pé, a Constituição resalvou-a inteiramente. O parlamento da República não pode senão aprovar que ela seja observada rigorosamente.

Portanto, o governo portuguez, encarando a eventualidade da nossa participação na guerra, e apercebendo-se para dar á Grã-Bretanha todo o auxilio que ela de nós necessitar, não fez senão ajustar-se á prescrição expressa da Constituição parlamentar para que «salvaguardasse os interesses nacionais».

As declarações de guerra pertencem ao parlamento, mas a preparação para a guerra, em face da auctorisação a que aludimos e do artigo da Constituição que trasladamos, estava e está na alçada do poder executivo.

Não faz, de resto, o governo mais do que cumprir o seu dever, porque desde o momento em que o parlamento fez sua a declaração ministerial de que estariamos inteiramente ao lado da nossa velha aliada no presente conflito, o governo não podia deixar de encerrar a eventualidade duma participação na campanha, e co-

mo a latitude dessa participação depende das contingências da guerra e das necessidades do governo inglês, não se podendo saber se ela se reduzirá ao mínimo ou chegará ao máximo dos nosos recursos, evidentemente tinha que prever esta última hipótese e preparar-se para ela. Se o não fizesse, todas as censuras que lhe dirigissem seriam justas.

Mais uma vez o repetimos: esta questão é grave; mas é simples e clara. Procurar obscurecê-la é torná-la mais grave ainda, com manifesto prejuizo dos interesses nacionais e do prestígio da República, que os seus inimigos confessos ou disfarçados procuram por todos os meios pôr em cheque, sem que um raio de patriotismo vingue iluminar as suas almas conturbadas pelas mais raivosas paixões.

### Pela vida

No passado número da Alvorada o nosso presado quão distinto colaborador Mário Cardoso chamava a atenção das autoridades competentes para que uma salutar acção fiscalisadora se promova contra a falsificação sistemática e criminosa dos géneros destinados ao consumo alimentar—como as farinhas, o leite, o vinho, o azeite, etc., etc.

Não é a primeira vez que este jornal tem tratado deste importante assunto da saúde pública; e dia a dia mais nos vamos convencendo que a luta tem de ser constante e pertinaz, pois que o espirito da ganância, a ância do lucro, a voragem da consciencia não tem descanso nem apreensões a antepôr ao seu officio assassino de falsificar, adulterar, mixordar os géneros da alimentação.

Sim, essa gente parece afinal contar com a impunidade—embora não estejam garantidos pelas leis que mandam nomear pompas commissões de hygiene e aos municípios mandam pagar a veterinários e subdelegados de saúde. A sua impunidade deriva do facto dessas commissões nada fazerem e de nem sempre os delegados municipais disporem da actividade necessária... senão para a cobrança regular dos seus honorários.

Não é contudo devido à falta de prescrições taxativas, expressas no próprio Código de Posturas Municipais, que a fiscalização

### OS DOIS SINOS

Nós éramos dois sinos, dois amigos, dois irmãos. Eramos dois sinos da mesma idade, baptizados no mesmo dia. Habitávamos, havia cem anos, a mesma torre, casando as raparigas, sorrindo aos recém-nascidos e chorando os mortos. O nosso campanário era alvo como um cisne e dominava todo o vale—um lindo vale da Alsácia!

Descansavam nêle, ao passar, as cegonhas viajantes, e as andorinhas que encontravam de novo, em cada primavera, sem necessidade de bússola de guia. Em sete léguas a roda a nossa voz era conhecida e venerada. Por ela, corria o povo vestido de festa, e todas as tardes a aldeia adornava ao flutuarem no espaço como um fumo de harmonia as nossas Ave Marias ondulantes.

Éramos dois sinos, dois irmãos e dois amigos, doirados pelo sol, beijados pelas brisas.

dos géneros deixa de ser feita por quem deve. Cumpra a Câmara o dever de velar por este assunto corrigindo negligências e perigosas situações de não te rales, pois o interesse público, dum modo especial as classes pobres, exigem que se olhe a valer para estas coisas, visto que se trata da de feza da própria vida.

A propósito de azeites ainda há pouco se provou que ali se estava vendendo em alguns logistas uma determinada qualidade fora da acidez preceituada, o que constituia um perigo para a saúde pública. Feito o exame pelo sr. dr. subdelegado, o azeite foi inutilizado, — com a differença de o não ter sido em tantas casas quantas o vendiam, pelo facto, crêmos, de se não haver procedido com as reservas e a energia necessárias.

—Mas voltaremos ao assunto.

### PORTUGAL NA GUERRA

Tudo indica, para breve, a participação na guerra dos soldados portuguezes. E' doloroso o facto, mas há compromissos solenes a que uma nacionalidade não pode fugir sob pena de provocar a sua mais estrondosa e dissolvente defeecção histórica.

Já o dissemos aqui e voltamos a repeti-lo: a derrota da Inglaterra era, por reflexo, a nossa própria derrota. Se ella está vivamente empenhada na guerra e nos pede, como secular aliada, o auxilio das nossas armas, é dever dar-lho, de boa vontade, e tam prontamente quanto possível — visto que a Monarquia desbaratou e desorganizou todos os socorros militares.

Procedendo Portugal deste modo mostraremos que não somos, nem fanfarrões, nem cobardes. Somos apenas oportunos e lógicos.

Quem contrariamente a esta attitude lance temores ao seio do povo, fazendo-lhe acreditar que este país nada tem que ir em auxilio de nenhum dos beligerantes em luta; quem agitando o terrivel espectro da guerra alarme as mães e os filhos fazem

Era uma tarde de inverno, as trevas obscureciam os campos e nós tínhamos desfiado sobre a aldeia as nossas ladainhas de bronze. De repente, levanta-se de todos os lados um grande rumor; gritos, cantos de guerra, retinir de ferros. O inimigo está nas fronteiras; tudo se exalta, tudo corre e ouvem-se as mães chorar abençoando seus filhos, seus filhos soldados que vão deixa-las.

Ouve-se na praça pública o rufar do tambor; alinham-se em silêncio sombras, e os voluntários de g2 afastam-se cantando.

Toda a noite, luzes mortificas vagueiam de porta em porta; das choupas exalam-se suspiros e uma ave sinistra veiu pousar na torre. Antes do alvorecer, senti braços levantarem-me, mãos que me agitavam e me enlaçavam como uma rede de carne, como uma cadeia viva. Rodearam-me de cordas e desci para o chão.

Quem é que ousa tocar na corda do Deus, separar-me de meu irmão e arriar-me do meu trono aereo onde vivi cem anos?

do acreditar que a nossa participação no gravissimo conflito europeu é a resultante de vontades e simpatias occultas e não a extrema e insofismavel obrigação imposta pelos mais sagrados e superiores interesses nacionais, — quem semelhante obra e propaganda promover é um insensato, é um criminoso e um hipócrita, pois essa gente agoirenta e de fingido compungimento bem sabe que o facto de irem os soldados portuguezes bater-se fora do país, não significa isso que se não batam reflexamente pela causa e futuro da Pátria. Outro tanto de resto em épocas distantes e em varias circumstâncias teve de succeder, sem contudo poder atribuir-se isso á República, como os seus escuros e odientos adversários agora vem simuladamente fazendo, confiando serem acreditados e tomados a serio pela cobardia duns, pela estupidez de ontros e pela piedade inflexionada das almas simples das mulheres...

Cumpra pois a nação o seu dever perante os tratados, sem cobardia nem fanfarronadas, antes com um edificante e patriótico exemplo de sacrificio,—entretanto que os hipócritas são demascarados e postos á execração da história, pela vilesa repugnante de quererem fazer passar a República como possuída de menos coração e menos objectiva politica que aquele coração e aquela objectiva de que elles se julgam possuídos...

### Uma opinião sobre o Minho, por João Meira, na sua dissertação apresentada à Escola Médica do Porto em 1907

O Minho é uma região maldita e uma região desconhecida. Para admirar o Minho bastam dez minutos sobre uma serra. O ar puro encanta, o trilo das aves seduz, o esplendor da paisagem deslumbra. O viajante que vem ao Minho e encontra em dezembro os montes cobertos da florescência amarela do tojo e da sua perpétua verdura, quando por toda a parte reina a desolada nudez do inverno, sente-se entusiasmado.

Camilo, que havia de ser o pintor fiel da vida minhota nas suas

Prenderam-me a uma pesada carreta, como um criminoso, e deixei a minha aldeia. Em cada janela havia uma cara triste e a minha passagem todas as bocas diziam: «Adeus, sino, que tocavas as Ave Marias; adeus, sino, sagrado, que casavas as nossas filhas e sorrias aos recém-nascidos, sino amigo que choravas os nossos mortos!»

Deixei a minha aldeia e encaminei-me lentamente para a cidade onde me esperava o martírio!

Aí partiram-me como vidro, e, como um maldito, me deitaram ás chamas.

Debaixo delas me contorci como um condenado; gemi, ardi, e tornei-me como um monte de brasas e depois conheci que morria... Senti o corpo fundir-se gota a gota e dali o pouco só havia do sino um liquido ardente e... uma alma que vive ainda!

Transformaram-me num canhão. Puseram-me numa carreta e rodei até á fronteira, ao som das músicas e no meio dos uniformes guerreiros.

multiplas manifestações e na variedade das suas personagens, quando veio habitar Seide pela primeira vez, sofreu esta impressão calorosa. O Amor de Salvação abre por algumas páginas de vibrante descrittivo, onde passa o seu deslumbramento primeiro.

Mas, se para admirar o Minho basta uma hora, para o conhecer são necessários anos, trilhando duros caminhos pedregosos, saltando portellos, correndo atalhos entre milheirais, vadeando regatos nas poldras, comendo pão duro à mesa dos pobres, escutando-os desfiar o rosário das suas negras misérias.

O que os observadores superfficiais veem no Minho é a terra. O que elles quasi sempre esquecem, ou apenas lembram para anotar a sua transitória alegria de arraial, é o obscuro obreiro que há vinte séculos desceu dos cérrros em que se impoleirava e, ensinado pelo romano, começou a épica luta interminavel para arrancar á terra o sustento que ella avaramente recusa, e só escassamente cede á custa de esforços inenarráveis.

O minhoto é em Portugal um desconhecido. Ramalho Ortigão levou a sua ignorância do Minho, que descrevia nas Farpas, a ponto de dizer que nêle se conheciam apenas cinco ou seis doencas tradicionais.

Nada menos verdadeiro. Ramalho analisou o Minho na imperial de uma diligência, o que constitue um bem fraco observatório.

Outros escritores que, como Ramalho, viram o Minho e déle escreveram, (1) apenas lhe contemplaram a paisagem: não souberam ou não quizeram perscrutar-lhe a vida. E o Minho é uma decoração de pastoral onde se representam tragédias.

Aquella casinha além, vista de longe, no pendôr da encosta, com o seu muro caiado, a sua horta de couves, as suas árvores envidadas, a sua cancela vermelha, tem ar virgiliano que atrai. Entra-se. Dentro é um horror. Na lareira uma só panela, onde ferve um magro caldo. Ao lado, entrapado em farrapos, um homem, um monte de carne que já teve forma humana, agonisa há vinte anos coberto de ulceras repelentes. E' um leproso.

Há disto aos centos pelo Minho.

Na revolta dum carreiro encontra-se um velho esqueletico, curvado, encanecido, com as mãos em sangue e as pernas trémulas. Dir-se-hia ter cem anos. Interroguem-no. Pouco mais terá de quarenta. O trabalho escangalhou-o, a fome quasi o mumificou, e um mal estranho, que sempte o quei-

(1) D. António da Costa — No Minho. José Augusto Vieira — O Minho Pitoresco.

Onde estás tu, minha tisonha aldea, meu belo campanário, meu fresco vale, minha velha igreja?

Amo a minha pátria e faço o meu dever, troando sem descanso, semeando a morte e o espanto, cospindo a derrota na face do inimigo e como um velho canhão defendendo o meu país.

Salvei-o. Ouviram-me falar em Valmy, em Jemmapes e trolejei nos desfíladeiros do Argone.

As ordens do grande imperador, parti a travessar a Europa, assisti a cem batalhas, deixei após mim uma longa cadeia de vitórias e fiz a volta-do mundo com Napoleão!

Entrei em todos os lugares, vencedor. Passei rodando com estrondo debaixo dos arcs de triunfo, auraram-me coroas e os povos vencidos inclinavam-se quando eu passava. A minha voz fez tremar as capitais e a Europa dependia toda da minha guela de bronze.

Separavam-nos os rios e os reinos, ó meu irmão! Mas depois de cada batalha eu pensava em ti

ma e a cada passo o desvaira, vai-lhe cavando a sepultura. E' um pelagroso.

Há disto aos milhares no Minho; talvez ás dezenaa de milhares.

Não, no Minho não há cinco ou seis molestias tradicionais e inofensivas.

No Minho os homens não morrem de velhice, como chama que pouco a pouco se estingue, depois de muito ter ardid.

No Minho morre-se de fome, morre-se de trabalho, morre-se de pouco resguardo contra as intemperies do clima.

### Pelo aniversário

da

### “Alvorada,”

Do Democrata de Aveiro:

Alvorada.—Entrou no seu 5.º ano de existência o nosso brilhante colega de Guimarães cujo titulo encima estas linhas.

Militando desde o primeiro dia que viu a luz da publicidade nas fileiras dos que, com entranhado amor, defendem os verdadeiros princípios republicanos, a Alvorada tem-se distinguido por fórma a merecer não só a simpatia dos democratras convictos e sinceros como ainda a de todas as pessoas de bem que avaliam do esforço que é necessário manter para conservar aquêle espirito de indepedência e rectidão proprio dum jornal sem a preocupação de agradar a toda a gente e isso nos leva a expressar-lhe as maiores manifestações de solidariedade, felicitando-o e desejando-lhe longa e próspera vida.

Do Comércio da Póvoa de Varzim:

Alvorada.—Entrou no quinto ano da sua publicação, o brilhante semanario de Guimarães, a Alvorada, de que é proprietário e director o nosso preclaro amigo e acerrimo propagandista da nossa praia sr. A. L. de Carvalho.

Jornal republicano e defensor dos interesses locais daquela linda cidade, vem sempre bem redigido e a sua impressão é muito nitida.

Ao nosso colega enviamos-lhe as nossas felicitações, e que a sua vida seja duradoura.

Aos presados colegas um muito obrigado pelas suas palavras amigas e reconfortantes.

### Representação

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a representação que a Federação das Associações Operárias desta cidade dirigiu á Câmara Municipal sobre a carestia da vida, o que faremos no próximo número.

e parecia-me ouvir a tua voz alegre e activa celebrar as minhas vitórias.

A pólvora era o meu incenso, um rochedo meu campanário; os meus cánticos eram gritos de guerra e as minhas festas batalhas. Mas fui vencido um dia, vencido depois de cem vitórias.

Atrastatam-me cativo a uma cidade estrangeira. Amontoava-se, na minha passagem, a multidão insolente e eu rodava com tristeza para a minha prisão, pensando nos meus triunfos desaparecidos, na minha derrota mais gloriosa que uma vitória, pensando em ti, meu sino amado, que tocavas sempre, feliz e livre no teu belo campanário.

A minha prisão era um museu; o meu lugar entre duas bandeiras rasgadas pelas balas e como eu cativas.

A' noite quando o vento gemia nas janelas do meu cárcere, eu pensava nas nossas festas deliciosas. Lembras-te, meu irmão? Enquanto nós repicavamos com todo o fôlego, as raparigas vesti-

**CÓDIGO DE POSTURAS**

**Vedações, resguardos, amassadouros, entulhos e depósitos de materiais de construção**

Artigo 64.º Só poderão fazer-se amassadouros, depósitos de entulho, de materiais de construção, bem como construir-se andaimes e tapumes na via pública mediante licença da Câmara e o pagamento adiantado da taxa que constar da respectiva tabela, sob pena de 1 escudo de multa, além do pagamento da referida taxa.

§ 1.º No requerimento pedindo a licença de que trata este artigo deve-se declarar quantos metros de terreno se deseja ocupar e por quanto tempo aproximadamente.

§ 2.º Passados três dias depois de findo o prazo por que foi concedida a licença, será aplicada a multa de que trata este artigo, caso não tenha sido previamente pedida e concedida nova licença.

Art. 65.º Na cidade de Guimarães e povoações de Vizela e Taipas, o terreno que fôr ocupado com materiais, amassadouros ou quaisquer objectos provenientes de obras em execução ou a executar, será resguardado com um tapume de 1,5 de altura, de madeira aparelhada pelo lado exterior, ou de ferro zincado com bom aspecto, bem travado, não sendo permitida a aplicação de material deteriorado e ocupando na via pública o espaço que fôr indicado pela Câmara, devendo as portas abrir para dentro, sob pena de 3 escudos, por cada dia em que houver infracção do disposto neste artigo.

§ 1.º Fóra d'esses tapumes, ou a eles encostados exteriormente, não é permitido fazer amassadouros, conservar materiais ou quaisquer objectos provenientes dessas obras, sob pena de 1 escudo de multa por dia, enquanto se não fizer a remoção.

§ 2.º Nas ruas ou locais onde haja bôcas de incêndio e de rega serão os tapumes feitos de modo que as mesmas fiquem livres e completamente acessíveis, sob pena de 2 escudos de multa.

§ 3.º Quando pela estreiteza da rua se não puder levantar o tapume, a Câmara providenciará como julgar mais conveniente.

Art. 66.º Não poderá o depósito de materiais ou entulho exceder a altura do tapume a que se refere o artigo antecedente, sob pena de 1 escudo de multa.

Art. 67.º Nas obras de simples reparação nas frentes e telhados, na caição, lavagens e pinturas de prédios não é necessário tapume, mas as frentes desses prédios ou muros serão defendidas nas suas extremidades com balizas de madeira de comprimento não infe-

rias a 2 metros, encostadas obliquamente da rua para a parede, sob pena de 1 escudo de multa.

Art. 68.º Se junto de quaisquer obras houver algum candieiro de iluminação pública que possa ser prejudicado por elas, será convenientemente resguardado pelo dono das obras, sob pena de 1 escudo de multa, além da responsabilidade pelo dano que causar nos termos do artigo 149.º

Art. 69.º Quando para celebração de algum acto público fôr necessário fazer desarmar os tapumes ou remover os materiais das obras, a Câmara poderá mandar fazê-lo à sua custa, avisando previamente o dono, ou encarregado das obras, e repondo-os depois no seu lugar, podendo igualmente mandar suspender as obras, se assim também fôr necessário, sob pena, no caso de opposição, de multa de 5 escudos, além de se promover procedimento criminal, havendo logar a êle.

Art. 70.º Os entulhos nunca poderão em caso algum embarcar o trânsito público e deverão ser removidos, na cidade, de 3 em 3 dias, pelo menos, até ao sol posto e todas as semanas fora da cidade, sob pena de 2 escudos.

Art. 71.º Quando em qualquer obra, na cidade e nas povoações de Vizela e Taipas, haja entulhos e materiais que tenham de ser lançados de alto, só poderão sê-lo por meio de condutores fechados e apenas com abertura nas suas extremidades, não devendo a abertura da extremidade inferior, distar do solo mais de meio metro, sob pena de 2 escudos.

Art. 72.º A condução dos entulhos será sempre feita de modo que não sujem nem pejem as ruas, sob pena de 50 centavos de multa por cada vez que tal suceder.

**REPORTAGEM**

—Promovidas pelo clero do arcebispo de Guimarães, devem realizar-se no próximo dia 16, na igreja da Oliveira, exéquias, em sufrágio da alma de Pio X.

—No mercado dos cereais, vendeu-se o milho, à razão de 650 e 660 o alqueire.

—Os srs. Peixoto & Rocha, proprietários da Casa Penhorista Vimaranesense, no dia 18 do corrente e seguintes farão arrematar em hasta pública todos os penhores que estão abandonados por falta de pagamento de juros.

—As estações de Caldelas e Caldas das Taipas passaram a encerrar o serviço telegráfico às 5 horas da tarde.

—Por volta das 10 horas de terça-feira, foram chamados os socorros públicos para um incêndio que se havia manifestado na oficina de pentes, pertencente ao sr. Antonio Machado, ao Cano.

Os prejuizos, que são insignificantes, acham-se cobertos pela Companhia «A Segurança.»

Reuniram no domingo, na sede da Federação das Associações Operárias, as colectividades e o povo trabalhador. Nesta reunião, que esteve concorridíssima, usaram da palavra alguns operários, que expuseram as dificuldades da vida, em que se encontram.

Foi aprovada, por unanimidade, uma moção que sobre o assunto foi apresentada e nomeada uma comissão composta de operários de todas as classes para, conjuntamente com os membros da direcção da Federação das Associações Operárias, irem à câmara receber a resposta da representação que para ali foi há dias enviada.

Estão concluídas as vindimas neste concelho. A quantidade foi muito escassa, razão pela qual se vende a pipa a 30000 e 40000.

Em compensação, a colheita dos cereais foi abundante, havendo muito milho e muito feijão.

O cinematographo «Etoile» que tem funcionado no teatro D. Afonso Henriques, inaugura as suas sessões cinematographicas no dia 1 do próximo mês de novembro, para o que o seu empreza-

rio vai em breve iniciar as obras, de que necessita aquela casa de divertimentos.

Decorreu com a devida suntuosidade a solenidade que domingo se realizou na parochial de S. Lourenço de Selho à Virgem do Rosario.

O arraial esteve muito concorrido, não havendo nota alguma discordante. As duas bandas desta cidade houveram-se à altura dos seus creditos.

Foi nomeado correspondente nesta cidade do diário bracarense «Ecos do Minho», o sr. Manuel de Freitas, professor da Escola Académica.

De José Joaquim Vieira de Castro, pedindo para colocar uma tableta com diversos dizeres. Deferido, sendo obrigado a mandar pintar os dizeres pela nova ortografia.

De Manoel João da Costa, de Fafe, pedindo logar fixo. Deferido.

Da viuva de José Mendes de Castro, para modificar uns dizeres numa sepultura, no cemitério municipal.

Do Ministério da Instrução Pública, pedindo para informar qual o subsidio que dispendem para a instrução primaria desde Janeiro em diante. Resolve satisfazer.

Deliberou nomear guardas da fiscalização dos impostos José de Freitas Santos, José Albino, José Ramos, José Miranda.

Para barreira, João d'Abreu Vieira, Francisco Mata e Manoel da Silva Marques.

Confirmou a reintegração do guarda da fiscalização Justino Pereira Bastos.

DELIBERAÇÕES

DELIBERAÇÕES

EDITAL

EDITAL

EDITAL

**Teatro D. Afonso Henriques**

Nos próximos sábado e domingo realizam-se no nosso primeiro teatro dois interessantes espectáculos, em que são apresentados 65 artistas que não falam, como sejam macacos, cães e até um suino domesticados.

Pelas referências que tem sido feitas pelos nossos colegas a esta companhia original, e dada a circunstância dos preços serem baratos, cremos que o teatro se encherá, para apreciar os trabalhos fenomenais da familia irracional.

**Comissão Executiva**

**Comissão Executiva**

**Comissão Executiva**

DA  
**Câmara Municipal**

Sessão ordinária de 14 de Outubro de 1914

Pelas 20 horas de hontem reuniu no edificio dos Paços do Concelho a Comissão Executiva da Câmara Municipal sob a presidência do cidadão vereador Mariano Felgueiras, achando-se presentes os cidadãos vereadores Justino Ferreira, Coelho Pinto, Ferreira Guimarães, Vitorino Sampaio e Joaquim Cardoso.

OFICIOS

**EDITAL**

**A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães**

Faz saber que no dia 4 do próximo mês de Novembro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de Construção do Matadouro público Municipal da povoação das Caldas de Vizela, dêste concelho, sob a base de licitação de 2.026\$00 escudos, conforme o respectivo projecto devidamente aprovado.

As condições estão patentes na secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 8 de Outubro de 1914. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria da Câmara o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

confusão horrivel, é uma horrífera carnificina.

Depois de meio século de repouso e de cativo, recebo um como que novo baptismo de sangue, parece-me que torno a ser francês.

Fui tomado e fiquei livre. Os bravos móveis, abraçam-se-me, levantam-me, arrastam-me, levam-me, no dia seguinte estou em Orleães, e os prussianos já lá não estão.

Sou livre hoje; mas a minha pátria está mutilada, o meu bom pais escravizado, e o meu sino amado, o meu companheiro, o meu irmão, é escravo no seu campanário branco onde flutua um estandarte prussiano.

O recém-nascido que êle saúda é alemão e os mortos que êle chora são estrangeiros.

Sou livre hoje, mas o meu vale de Alsácia, o meu belo vale não é já francês...

FULBERT DUMONTEIL.

Horário dos combóios

Ascendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correio		** Domingos e dias fer.	
		Hário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Dias úteis	Dias fer.
Linha de Guimarães	FAFE	P. 4,50	7,15	12,28	16,05		
	Guimarães	C. 5,43	8,08	13,21	16,58		
	"	P. 6,51	8,18	10,49	17,07	19,57	21,30
	Vizela	P. 6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18
	Lordelo	P. 6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30
	Negrellos	P. 6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44
	Santo Tirso	P. 6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04
Linha de Miraflores	Trofa	C. 7,19	9,30	12,28	14,54	18,39	21,25
	Valença	P. 3,23	6,75	13,20	15,25	16,40	18,50
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19
	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	TROFA	P. 7,00	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Porto	C. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04
	Porto	C. 8,06	9,46	15,05	19,58		
L. da POVOA	Trofa	C. 8,56	11,15	15,58	21,29		
	Braga	C. 8,31	11,47	16,26	22,33		
	Viana	C. 10,50	13,19	17,31	21,17		
	Porto	C. 8,51		17,20			
	Porto	P. 8,35		15,48	17,54	19,57	
	Campanhã	P. 8,48		16	18,05	20,30	
	Lisboa	C. 14,31		1	13	23,53	6,25

Descendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correio		** Domingos e dias fer.	
		Hário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Dias úteis	Dias fer.
L. da POVOA	Porto	P. 4,35		8,03		16,35	16,35
	Trofa	C. 5,43	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10
	Porto	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50
L. de Miraflores	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20
	Valença	C. 10,50		13,19	17,31		0,17
L. de Guimarães	TROFA	P. 6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00
	Santo Tirso	P. 6,57	8,31	9,11	10,20	16,35	18,18
	Negrellos	P. 7,18	8,54	9,29	10,41	16,56	18,35
L. de Guimarães	Lordelo	P. 7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46
	Vizela	P. 7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58
	Guimarães	P. 8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14
	FAFE	P. 8,18			11,34	17,52	21,36
	C. 9,13			12,28	18,47	22,32	22,53

- \* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
- Idem em Cepães.

DISPONÍVEL

Livraria editora GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Genevieve, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Moret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Relatosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis))

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Ilumina as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminação intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICORDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial. Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Officina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta officina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos. Perfeição. Preços módicos.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura	Preço das publicações
Ano . . . . . 1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.
Semestre . . . . . 600 "	Repetição, por linha . . . . . 20 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Número avulso . . . . . 30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Do Cidadão